

NÚMEROS OTIMISTAS

*** Roberto Rodrigues**

Os números mais recentes da Coordenação Geral de Estudos e Análises da Secretaria de Política Agrícola do MAPA indicam que a expectativa de aumento de produção rural brasileira para os próximos dez anos está muito coerente com a previsão da OCDE para o período. Mas também traz algumas interessantes novidades.

As taxas de crescimento anual de produção, por exemplo, são bastante variadas.

O maior crescimento deverá ser o da soja em grão, da ordem de 2,9% ao ano, seguido de carne de frango com 2,8%, de trigo com 2,7%, de milho e carne suína, empatados em 2,5% e carne bovina, 2,1%. Em compensação, deverá haver redução na produção de feijão, da ordem de 0,5%, enquanto a de arroz deverá ficar estável.

Seguindo uma tendência que já se observa há quase duas décadas, o aumento de produção será maior do que o da área plantada. Até 2026/27 a área de cultivo de grãos deverá chegar a 71 milhões de hectares, ou 18,2% sobre os atuais 60 milhões plantados. Já a área de todas as lavouras, que hoje está em 74 mi, deverá alcançar 84 milhões de hectares, ou 13,4% mais.

As projeções de aumento de produção estão avaliadas como sempre em limites máximos e mínimos, que variarão em função de fatores de mercado. No caso da soja em grão, esta variação de volumes produzidos será de 146,5 até 177,2 milhões de toneladas, o que equivalerá a uma variação entre 29,7% e 55,1% sobre a produção deste ano. Em qualquer dos dois casos, a área plantada crescerá bem menos.

Para o milho, a variação de aumento prevista é ainda mais significativa, indo de 118,8 milhões a 177,2 milhões de toneladas, um crescimento sobre a colheita deste ano entre 28% e 90%.

As carnes também terão saltos notáveis: a de frango deve crescer entre 33 e 53%, a bovina entre 20 e 47%. Até o açúcar terá avanços que vão de 30,3 a 64,4%. É claro que estes números todos irão determinar o potencial de aumento das exportações do nosso agro, o que, evidentemente, dependerá também da demanda global no período e sobretudo da nossa competitividade que, por sua vez, tem a ver com o Custo Brasil e com a sustentabilidade dos modelos produtivos aqui praticada.

Mas mantidas as tendências até aqui observadas, podemos crescer NO MÍNIMO 33,5% nas exportações de soja grão, 37,8% nas de milho, 37,6% na carne de frango, 35% na bovina e surpreendentes 41,8% em carne suína.

São todos números bons, especialmente se reafirmarmos que estes são os limites inferiores, podendo ser muito mais do que o dobro deles na maioria dos produtos.

Alguns dados curiosos recheiam as previsões do CGEA, como a participação relativa da agricultura familiar e a da agricultura comercial em alguns produtos daqui a dez anos.

Por exemplo: em 2026/27 a produção de carne suína pela agricultura familiar deverá alcançar 2,9 milhões de toneladas, bem mais que os 2 milhões da agricultura comercial. Idem para carne de frango, em que o escore será de 9,2 a 8,7 milhões de toneladas a favor da agricultura familiar. No caso do leite então, a diferença será ainda mais significativa, de 24,6 bilhões de litros a 18 bilhões.

Naturalmente, a agricultura comercial deverá produzir 201,8 milhões de toneladas de grãos, vis a vis 86,3 milhões da agricultura familiar. Em ambos os casos, números muito interessantes.

Quaisquer que sejam os resultados efetivados nesses próximos dez anos, o certo é que o nosso agro deve continuar avançando na produção e na exportação de alimentos, para o benefício de nossa balança comercial e para o bem de todos os brasileiros.

*** Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getulio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos todas as terceiras segundas-feiras do mês**